

## A “SAÍDA DO ARMÁRIO” DE HOMENS CIS GAYS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE PRODUÇÕES BRASILEIRAS

### THE “COME OUT OF THE CLOSET” OF GAY CIS: A SYSTEMATIC REVIEW OF THE BRAZILIAN PRODUCTIONS

João Henrique Oliveira BARROS\* 

Gilson Gomes COELHO\*\* 

**Resumo:** Este estudo caracteriza-se como uma revisão sistemática de literatura, cujo objetivo consistiu em discutir o processo de “saída do armário” dos homens cis gays. O levantamento dos dados ocorreu durante os meses de março e abril de 2020, nas seguintes fontes eletrônicas: base de dados Google Acadêmico, biblioteca eletrônica SciELO e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Foram selecionados 19 estudos publicados no intervalo de 2010 a 2020, dos quais foram extraídas duas unidades temáticas: a homofobia e suas matrizes históricas e a “saída do armário” de homens cis gays. Constatou-se que o ano de 2014 houve maior produção científica sobre a temática e que há uma concentração maior de pesquisa na área da Psicologia. Conclui-se que o processo de “sair do armário” apesar de ser um fenômeno violento, é necessário para a construção da identidade homossexual positiva, além de contribuir para a luta por direitos civis e combate à violência.

**Palavras-chave:** Homossexualidade. Saída do armário. Psicologia. Revisão sistemática de literatura.

**Abstract:** This study is characterized as a systematic literature review, whose objective was to discuss the process of “to come out of the closet” of cis gay men. The data survey took place during the months of March and April 2020, in the following electronic sources: Google Scholar database, SciELO electronic library and Virtual Health Library (VHL). Nineteen studies published between 2010 and 2020 were selected, from which two thematic units were extracted: homophobia and its historical matrices and the “out of the closet” of cis gay men. It was found that in 2014 there was greater scientific production on the subject and that there is a greater concentration of research in the Psychology area. It is concluded that the process of “to come out of the closet”, despite being a violent phenomenon, is necessary for the construction of a positive homosexual identity, in addition to contributing to the fight for civil rights and combating violence.

**Keywords:** Homosexuality. To come out of the closet. Psychology. Systematic literature review.

Submetido em 03/09/2020.

Aceito em 05/01/2021.

\*Graduando em Psicologia e participante do Programa Institucional de Iniciação Científica – PROCIENT da Faculdade Católica Dom Orione. Rua Santa Cruz, 557 – Setor Central, CEP: 77804-090, Araguaína - TO, CEP: 77804-090. E-mail: henriquob@gmail.com

\*\*Doutorando em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/ Assis) em que é membro do grupo de pesquisa PsiCUQueer - Coletivos, Psicologias e Culturas Queer. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Psicólogo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/ CPAN). Docente do curso de Psicologia da Faculdade Católica Dom Orione (FACDO). Rua Santa Cruz, 557 – Setor Central, CEP: 77804-090, Araguaína - TO, CEP: 77804-090. E-mail: gilsonpsico@gmail.com



© O(s) Autor(es). 2020. Acesso Aberto. Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial 4.0 Internacional ([https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR)).

## INTRODUÇÃO

O “armário” diz respeito a um mecanismo de poder presente desde fins do século XIX que se empenha em administrar a sexualidade, determinando e conservando o dualismo hétero-homo, na sociedade ocidental. É constituído por um agrupamento de normas nem sempre inteligíveis, mas instituídas rigorosamente, influenciando a concepção da vida no espaço público quase como específicas de relações heterossexuais, consubstanciando ao privado as relações entre pessoas do mesmo sexo (SEDGWICK, 2007). Dessa maneira, pessoas que expressam uma manifestação afetiva/sexual não heterossexual, assim como os homens cis gays, que são indivíduos que se identificam com o sexo biológico com o qual nasceu, mas que possui relações afetivas e sexuais com pessoas do mesmo sexo (LANZ, 2016), são considerados desviantes das normas e acabam sendo violentados como uma forma de punição e enquadramento. Para Butler (2003) esse processo de administração da sexualidade precisa ser desconstruído, com a finalidade de denunciar e barrar a continuidade de um sistema normativo e linear entre sexo, gênero, desejo e práticas sociais.

Ao colocar a homossexualidade em um lugar fora da vida pública, vê-se na necessidade de construir “armários”, de modo a estabelecer um lugar seguro para pessoas consideradas desviantes. Segundo Oliveira (2019) a existência do armário era sinônimo de proteção, dado que o ato de manifestar e expor a homossexualidade era apontado como violação das normas sociais e o “armário” era a única maneira de preservar a relação considerada ilícita. Assim, o “armário” consistia em “um lugar da resistência à opressão, uma maneira de viver a homossexualidade em épocas ou lugares em que não era possível vivê-la ao ar livre” (ERIBON, 2008, p. 67). Entretanto, para melhor compreender acerca do processo de “sair do armário”, é de suma importância explicar os conceitos elementares que atravessam a sexualidade, tais como conceitos relacionados à sexualidade, heteronormatividade, heterossexualidade compulsória e heterossexismo.

No que concerne a sexualidade, Foucault (1988) menciona que é um dispositivo histórico, por se tratar de uma invenção social, na medida em que se constitui historicamente, com base em profusos discursos sobre o sexo, discursos estes que em suas entrelinhas regulam, normalizam, instauram saberes e produzem verdades, por diversas instituições culturais, como: a família, a mídia, a escola, a igreja e entre outras, além de diversos campos de saberes, como: a medicina, o direito, a biologia, a psicologia, etc. que por muito tempo contribuíram na disseminação de “verdades”, delimitando formas de aceitações e perversidades (MISKOLCI, 2009a).

Historicamente, de acordo com Louro (2000) a sexualidade, ou o sexo, como era denominado, parecia não ter nenhuma correlação com o social, porque se tratava de um assunto privado e que viver a sexualidade, era um privilégio da vida adulta a ser partilhado com um parceiro do sexo oposto. Diante disso, podemos observar o trajeto da sexualidade como um processo de disciplinarização, onde a população alicerçada em suas normas e valores estabeleceu a produção de um indivíduo “civilizado”, que vive em conformidade com as redes de saber-poder que perpassa a sociedade, atuando sobre os corpos e populações

ao produzir normatizações e modos de vida (FOUCAULT, 1988). Interferindo, de certa forma, nas subjetividades e nas edificações individuais, referentes ao corpo e aos prazeres (MADLENER; DINIS, 2007).

Conforme Andréo et al. (2016) esse processo de dominação dentro do campo da sexualidade está presente durante todo o trajeto de sua idealização e é colocado como algo vinculado e gerado naturalmente, justificando os discursos dominantes e legitimando uma produção de desigualdade dentro da sociedade, adentrando nas questões acerca do normal e desviante, produzindo subjetividades masculinizantes que corroboram para a formação e manutenção da homofobia, ocultando outras formas de desejos e práticas sexuais, além de naturalizar modos de violências. Vale destacar, que a homofobia, de acordo com Borrillo (2010) refere-se a atitude de hostilidade em oposição as/os homossexuais, um sentimento de medo, aversão e repulsa que acarreta o rebaixamento, a desumanização, a diferenciação e o distanciamento do indivíduo homossexual. Utilizou-se o termo pela primeira vez nos EUA, em 1971, contudo, só teve a aparição nos dicionários de língua francesa somente no final da década de 1990.

Diante do contexto já mencionado, nota-se que a sociedade busca, através de estratégias, alicerçar uma identidade masculina ou feminina “normal” e perdurável, utilizando-se de classificações, divisões e atribuições de rótulos aos sujeitos. Edificam-se então as identidades de gênero “normais” e “naturais” e um único padrão de identidade sexual, que é a identidade heterossexual, onde as demais passam a servir de contraste/comparação. Assim, todos os indivíduos são incitados a trilharem passos da heteronormatividade (LOURO, 1997), sendo um processo pedagógico contínuo, repetitivo e interminável, que é colocado em prática de modo a inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade “legítima” (LOURO, 2020).

A sexualidade, devido a sua construção social e histórica, opera através de um conjunto heterogêneo de discursos e práticas sociais, que oprime e regula os comportamentos e as formas de subjetividades dos indivíduos. Isso acontece, principalmente, devido às características heteronormativas atreladas ao modo pelo qual a sociedade se organiza e funciona. Conforme Miskolci (2017, p. 48) a heteronormatividade diz respeito “a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo, ela se impõe por meio de violências simbólicas ou físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero” e é compreendida como um agrupamento de diretrizes que fundamenta métodos de regulação e domínio, até para aqueles que se relacionam com pessoas do sexo oposto.

Para Butler (2003) a heteronormatividade refere-se a uma construção discursiva com uma perspectiva política, capaz de engendrar modos de subjetivação, que tenciona a estigmatização e marginalização dos que com ela não se identificam. A mesma é produzida por leis sociais, que limitam o desejo e a projeção dos gêneros e que, para esse fim, precisam ser infindavelmente repetidas e reiteradas para dar o efeito naturalizado, logo sem muitas indagações sobre tal. Esse efeito é performativo, ou seja, consegue gerar aquilo que nomeia e, assim, repete e expõe as normas de gênero aceitáveis.

Assim, a heteronormatividade está na ordem das coisas, onde mediante a heterossexualização compulsória e da vinculação das normas de gênero, produzem subjetividades a partir da vigília dos corpos

que compõem a sociedade. De acordo com Rich (2010) a heterossexualidade compulsória se trata de um mecanismo de disciplinarização, no qual prega que todos os sujeitos têm que ser heterossexuais e que a única forma de relação sexual e/ou amorosa válida e aceitável é a heterossexual. Dessa maneira, nota-se que essa heterossexualização compulsória impõe doutrinas, de modo a firmar um modelo ideal de relações entre as pessoas, tentando inúmeras vezes aniquilar as subjetividades que vão em contramão com as normas e padrões “normais”, ou melhor, aceitos (MISKOLCI, 2017).

Com o processo de naturalização da heterossexualidade, a cultura passa a institucionalizá-la como uma norma social, política, jurídica e econômica que deve ser seguida por todos, seja de forma explícita ou implícita. Diante disso, com essa institucionalização, o heterossexismo passa a ser englobado na cultura e é exteriorizado cotidianamente mediante os discursos das pessoas (RIOS, 2007). Desse modo, o heterossexismo expressa rotineiramente, práticas disciplinares arraigadas na supervalorização da heterossexualidade, em detrimento às demais formas de orientações sexuais.

Contudo, no tocante ao processo de “sair do armário” dentro de uma cultura heterossexista, pode acarretar profundas consequências, como: a expulsão de casa, a violência física e psíquica, a perda do emprego e em situações extremas, até a morte. Por esse motivo, historicamente, os homossexuais precisam se esconder em “armários”, isto é, viver o fardo de um desejo secreto, com o intuito de evitar violências e sofrimentos causados pela sociedade (MISKOLCI, 2009b).

Diante do contexto já exposto, nota-se que o modelo cis hétero normativo ao estabelecer padrões de normalidade, condiciona as pessoas à muitas situações de sofrimento, principalmente devido às diversas formas de violência para com as pessoas que caminham fora do contexto considerado “normal”. Frente a isso, Louro (2020) relata que a Teoria Queer mediante muitas discussões e questionamentos, visa desconstruir os padrões binários que sucedem na instauração de hierarquias e subalternizações, estranhando as ideias de “normalidade” a partir de problematizações sociais e culturais, pensando a cultura, o conhecimento, o poder e a educação a partir de um prisma antinaturalizante.

Considerando a importância de expandir as discussões e visibilizar melhor a realidade vivenciada no processo de “sair do armário”, este estudo objetivou investigar o que tem sido produzido sobre a temática no Brasil, além de expor o quão violento é esse período na vida dos homens cis gays. Para isso, o presente estudo consiste em uma revisão sistemática de literatura, produzida a partir de estudos que abordam a temática em questão. Com os dados da revisão, possibilitou um olhar panorâmico a respeito dos estudos sobre o assunto, contribuindo para a promoção de novas práticas e debates da temática no campo da Psicologia, contribuindo para a desnaturalização da heteronormatividade e as violências entrelaçadas a ela.

## 1. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão sistemática de literatura produto da pesquisa em iniciação científica, cujo objetivo consistiu em discutir o processo de “saída do armário” de homens cis gays, ao assumirem publicamente a sua sexualidade, compreendendo e contextualizando esse fenômeno como vetor de sofrimento. De acordo com Galvão e Pereira (2014) a revisão sistemática “trata-se de um tipo de investigação focada em questão bem definida, que visa identificar, selecionar, avaliar e sintetizar as evidências relevantes disponíveis”, isto é, concerne em um método de busca das produções científicas, uma análise crítica e uma condensação do que foi localizado, permitindo a combinação de dados da literatura empírica e teórica que podem ser direcionados à definição de conceitos, identificação de lacunas nas áreas de estudos, revisão de teorias e análise metodológica dos estudos sobre um determinado assunto (ZOLTOWSKI et al., 2014).

A busca bibliográfica foi realizada durante os meses de março e abril de 2020, nas seguintes fontes eletrônicas: base de dados Google Acadêmico, biblioteca eletrônica SciELO, bem como no sistema bireme, por intermédio da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Foram escolhidos estudos que envolviam a temática em questão no intervalo de dez anos, sendo de 2010 a 2020. Utilizando-se dos descritores: sexualidade, homossexualidade, teoria queer, gay e “saída do armário”.

Para a filtragem dos textos utilizados, usou-se como critério de inclusão: (a) estudos científicos nacionais e em português, principalmente por tratar-se de questões que envolvem a cultura e fenômenos provenientes da mesma; (b) estar completo na internet, em acesso aberto e disponível para download; (c) ter em sua estrutura, assuntos relacionados a “saída do armário”. E como critérios de exclusão os estudos que não atendiam aos propósitos desta pesquisa, além de estudos internacionais em outro idioma, estudos publicados em anais de eventos, publicações anteriormente ao ano de 2010 e capítulos de livros. Posteriormente, foram analisados os resumos e selecionados apenas os que tratavam questões relacionadas à homossexualidade e a “saída do armário”. Após uma primeira seleção, executada pela análise dos resumos em concordância com os critérios de inclusão e exclusão, os estudos foram recuperados por completo e então, foram lidos na íntegra, para verificar a maior ou menor proximidade com o tema proposto. Para melhor organização durante a extração dos dados, usou-se uma planilha.

As buscas viabilizaram a localização, a princípio, de 35 resumos de artigos científicos e 3 dissertações, no qual 1 dos resumos foi desconsiderado por ser duplicado. Após essa primeira seleção, foram excluídos mais 3 resumos de artigos por serem publicados em anais de eventos e congressos. Dentre as 3 dissertações e os 31 artigos selecionados para serem lidos na íntegra, 13 artigos e 2 dissertações foram excluídos por não terem proximidades com o tema proposto ou discussões superficiais sobre a temática. A amostra final foi composta por 18 artigos e 1 dissertação, no qual todos atendiam aos critérios de inclusão após pesquisa sistematizada nas bases de dados.

## **2. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram analisados 18 artigos científicos publicados em periódicos nacionais e 1 dissertação, onde todos tinham intrínsecas ligações com a temática homossexualidade e a “saída do armário”. No que concerne ao período de publicação, 2014 foi o ano com maior número de publicações (n=4), os outros foram publicados em 2011, 2012, 2013, 2015, 2016, 2017, 2018 e 2019.

Dentre os periódicos com maior número de publicações, destaca-se a Revista Bagoas — Estudos gays: gênero e sexualidades, com duas publicações, os demais foram publicados nos periódicos: Jornal Brasileiro de Ciência da Saúde; Revista EPOS; Estudos de Psicologia; Psicologia: Ciência e Profissão; Arquivos Brasileiros de Psicologia; Revista de Direito da Cidade; Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional; Linguagem: Estudos e Pesquisas; NAU Social; Revista Brasileira de Enfermagem; Revista Retratos da Escola; Caderno Espaço Feminino; Estudos de Religião; E&G Economia e Gestão; Revista de Direitos e Garantias Fundamentais; Revista Políticas Públicas & Cidades.

Em relação à área temática das publicações, nota-se que o tema é mais discutido no campo das ciências humanas, em especial, no campo da psicologia. Supõe que o fato mencionado condiz muito com as perspectivas de dominação do saber-poder, abordado em Foucault (1988) onde, apesar de a sociedade já ter trilhado passos largos para uma sociedade mais desconstruída e livre das amarras dos dispositivos de poder, ainda é um fenômeno muito frequente, principalmente por muitas áreas do saber e, a psicologia é uma área que visa incessantemente, combater a opressão decorrente do preconceito.

A tabela apresentada a seguir mostra o material utilizado para a realização deste estudo. É composta pelos autores e ano de publicação e título. Logo em seguida, inicia-se a discussão dos resultados, que foram agrupados em duas unidades temáticas: a homofobia e suas matrizes históricas e a “saída do armário” de homens cis gays. Vale destacar que alguns estudos abordavam mais de um tema, dito isso, seus resultados foram apresentados em mais de uma unidade temática.

<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>
ALVES, E. A.; MONIZ, A. L. F.	2015	A família no processo de coming out: sair do armário
BRAGA, I. F. et al.	2018	Violência contra adolescentes e jovens homossexuais e os impactos na saúde: revisão integrativa da literatura
BRAGA, I. F. et al.	2018	Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo
CAMPOS, I. B.; MELO, C. A.	2016	Sair ou não sair: a linha tênue entre ficar no armário e a liberdade
CARVALHO, C. O.; MACEDO-JUNIOR, G. S.	2017	Isto é um lugar de respeito: a construção heteronormativa da cidade-armário através da invisibilidade e violência no cotidiano urbano
CARVALHO, C. O.; MACEDO-JUNIOR, G. S.	2019	‘Ainda vão me matar numa rua’: direito à cidade, violência contra LGBTs e heterocisnormatividade na cidade armário
COTTA, D.; CABRAL-FILHO, A. V.	2015	Parada do Orgulho LGBT: uma estratégia de visibilidade cultural e midiática
MACHADO, R.; GONÇALVES, J. P.	2018	Homens casados que resolvem "sair do armário": conflitos vivenciados por homossexuais das classes sociais baixas, média e alta
MISKOLCI, R.	2014	Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoerótica masculina criadas por mídias digitais
MURASAKI, A. K.; GALHEIGO, S. M.	2016	Juventude, homossexualidade e diversidade: um estudo sobre o processo de sair do armário usando mapas corporais
PERUCCHI, J.; BRANDÃO, B. C.; VIEIRA.	2014	Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays
RABELO, A. M.; NUNES, S. C.	2017	Sair ou ficar no armário? Eis a questão: Estudo sobre as razões e os efeitos do coming out no ambiente de trabalho
SANTOS, D. K.	2013	As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia
SANTOS, D. K.; TEIXEIRA-FILHO, F. S.	2014	Cartografias do armário: estratégia do desejo em uma cidade do interior paulista
SILVA, L. V.; BARBOSA, B. R. S. N.	2016	Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronativa
SILVA, P. C. B.	2017	Narrativas de um gay sobre o processo de “sair do armário”
SILVEIRA, G. A.	2014	Sob a ótica pós-colonial: a modernidade e a construção da homofobia
TEIXEIRA, F. S.; MARRETTO, C. A. R.; MENDES, A. B.	2012	Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades
TOLEDO, L. G.; TEIXEIRA-FILHO, F. S.	2013	Homofobia familiar: abrindo o armário entre quatro paredes

**Tabela 1:** Identificação dos estudos selecionados

**Fonte:** Elaborada pelos autores

## 2.1 A homofobia e suas matrizes históricas

A homossexualidade é caracterizada por sujeitos que têm relações afetiva e/ou sexual com pessoas do mesmo sexo. Entretanto, apesar de muitos estudos de inúmeros teóricos, além do desenvolvimento da

sociedade, a homossexualidade ainda não é bem aceita pela sociedade patriarcal e heteronormativa (CAMPOS; MELO, 2016). Entretanto, apesar de não ter uma boa aceitação, a mesma se faz presente durante toda a história da humanidade, sendo vivenciada e assimilada entre várias nações ao longo dos tempos, de formas diversas, a partir dos costumes e cultura de cada sociedade (SILVA, 2017).

Ainda de acordo com o mesmo autor, há diversas evidências que comprovam que a homossexualidade acompanha a humanidade, citando como exemplo Platão e Sócrates como figuras homossexuais. Na Grécia antiga as pessoas não contrapunham a homossexualidade, pois, consideravam algo comum e/ou indiferente. Entretanto, as pessoas que tinham comportamentos considerados “frouxos”, designado por uma omissão em relação aos prazeres que sentiam, isto é, aqueles que não conseguiam resistir nem às mulheres, nem aos homens, deixando-se levar pelos impulsos sexuais e pelo prazer eram reprovados e controlados pela sociedade e pelas instituições.

Contudo, com a expansão do cristianismo e do capitalismo, iniciaram os questionamentos e observações da homossexualidade no Ocidente, atentando o homossexual como um sujeito à margem da natureza, sendo o elemento pioneiro para a construção da homofobia. Diante disso, fazendo uso de interpretações cristãs, utilizaram-se de narrativas onde colocaram a sexualidade à roda do pecado, fazendo com que, os homossexuais que já estavam às margens da natureza, agora, também são colocados a mercês da ira divina (SANTOS, 2013). Construindo um parâmetro de normalidade onde o homem seria o provedor da família e a mulher apenas mães e submissas (MISKOLCI, 2014).

Para Silveira (2014) o discurso propagado pelo cristianismo se expandiu pelo mundo, dominando e normatizando a sexualidade, os comportamentos sexuais e de gênero, a organização familiar e impondo padrões a serem seguidos em nome da fé e da virtude, abrigando normas e valores identitários como elementos de poder. Esse controle era feito, a partir de confissões, onde a igreja, ao exercer seu controle pastoral, delimitou limites sobre o bem e o mal. Apesar desse cenário, a sociedade não reagiu durante todo esse processo, sendo conivente com todas as formas de violência e aniquilamentos de subjetividades que esse fenômeno ocasionou.

Logo após o movimento do cristianismo, iniciaram-se os estudos e discussões sobre a homossexualidade, de modo a trazer comprovações científicas que declarasse que o homossexual era anormal ou doente. É nesse período que constroem o termo “homossexualismo”, sob a forma de doença, perversão, loucura, desvio, síndrome, patologia e degenerescência. Esse termo, foi categorizado e localizado nos manuais de saúde - Código Internacional de Doenças (CID) e Manual Diagnóstico de Saúde Mental (DSM) - enquanto uma patologia, passível de tratamento e cura, fomentando estigmas que marcaram e marcam a população de lésbicas, gays, bissexuais e travestis (LGBT) até os dias de hoje (SANTOS, 2013).

Ainda segundo Santos (2013), nesse período a vigilância da sociedade foi realizada com a ajuda dos médicos higienistas, que utilizavam dos seus saberes como forma de estratégia de controle e gerenciamento, sendo a figura essencial dessa política governamental, que objetivava à normatização das famílias, a partir da criação de uma nova referência nas relações de gênero, colocando ao homem a imagem do “pai

higiênico”, aquele que tinha como principal dever enquanto sociedade a organização da subsistência material da família e o patriotismo.

Tomando como base o homossexual como desviante da normalidade, o campo do Direito utilizou-se das discussões do cristianismo e da Medicina e iniciou suas intervenções, de modo a contribuir na efetividade das normas. De acordo com Silva (2017) o direito passou a julgar os homossexuais como criminosos, pelo fato de manifestarem desejos que iam de maneira oposta ao socialmente aceito, sendo reclusos em presídios ou manicômios para pagamento da punição.

Outro ponto importante a ser mencionado, diz respeito a pandemia do vírus da AIDS, que devido ao grande número de homossexuais infectados, contribuiu para alastrar as muitas formas de opressão e violência. A população utilizava-se dos discursos que a doença seria uma forma de punição dada pela natureza, na tentativa de cobrar comportamentos “normais”, que permitia o “bom funcionamento” da ordem social (CAMPOS; MELO, 2016).

Segundo Santos (2013) a despatologização da homossexualidade só veio ocorrer no dia 17 de maio de 1990, após a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirar a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças, mas, no Brasil, somente em 1999 isso foi declarado oficialmente (CAMPOS; MELO, 2016). Entretanto, essa despatologização não significa que houve a superação da ideia de uma “sexualidade anormal”, a prova disso está em noticiários de jornais e redes sociais, onde, rotineiramente, são noticiados e relatados casos de homofobia. Pode-se confirmar esse posicionamento, a partir de um levantamento realizado pelo grupo gay da Bahia (2019), no relatório de mortes violentas de LGBT+, onde expõe que no Brasil, no ano de 2019, foram documentadas 329 mortes violentas de pessoas LGBTs, sendo 297 homicídios e 32 suicídios, configurando uma morte a cada 26 horas, colocando o Brasil como campeão mundial de crimes contra essa população.

Isso nos leva a problematizar que apesar dos pequenos avanços na luta contra a homofobia, ainda existe um ditame nas narrativas e um conjunto de questões que retém a linearidade entre o sistema sexo-gênero-desejo como algo inerte e normativo e que seguem atravessando inúmeras práticas sociais. Dessa forma, concorda-se com Toledo e Teixeira-Filho (2013), que afirmam que a homofobia vai mais adiante do que uma simples fobia, tem ligações intrínsecas com um sistema de prazer cravado em crenças e valores decorrentes da supervalorização da heterossexualidade e dos enquadramentos de gênero, frente as inúmeras formas de expressão do erotismo ou da identidade de gênero. Concerne então como um dispositivo regulatório da sexualidade que é operado por narrativas e comportamentos que vão desde a invisibilização do sujeito e de suas práticas sexuais/afetivas a formas de opressão e dominação.

Diante dos grandes índices de violência já apresentados contra a população LGBT, nota-se que acaba por gerar um certo receio de andar nas ruas, principalmente pela insegurança que esse local apresenta. Conforme Carvalho e Macedo-Junior (2019), a rua, se torna então um lugar de descontrole, de medo e insegurança, onde toda afetividade é julgada e toda expressão de desejo é moralmente condenada, fazendo com que a figura do armário seja um fantasma constante, que demarca os territórios permitidos ou não de

se transitar. Essa demarcação, além de ser fruto da opressão do cristianismo, da família, das diversas áreas do saber, etc. É produto de um fenômeno que perpassa todas essas instituições, que é o capitalismo. Ainda de acordo com os autores, as marcas de violências presentes nos corpos da população LGBT é mantida pelo reflexo de um modelo de produção e acumulação de capital, que torna a sociedade um palco para disputas, no qual é moldada a partir dos interesses das classes que detém os meios de produção.

Diante do exposto, nota-se que ser gay ou se revelar como gay é um ato político, principalmente tendo como base todo o contexto histórico e homofóbico mencionado anteriormente (SILVEIRA, 2014). Assim, é de suma importância debater sobre a temática em questão, na tentativa de romper com o modelo heteronormativo que, de acordo com a trajetória exposta anteriormente, causou e causa muitas formas de sofrimento. Interrompendo, segundo Perucchi, Brandão e Vieira (2014) toda a lógica sistemática que hipervaloriza aspectos e performances heterossexuais, que leva a homossexualidade a um campo de vivências de “valores errados”.

## **2.2 A “saída do armário” de homens cis gays**

A “saída de armário” dos homens cis gays é uma fase importante para a construção da identidade homossexual, pois, concerne no ato de tornar pública a sua sexualidade. De acordo com Santos e Teixeira-Filho (2014) o termo “armário” é frequentemente usado para se referir às pessoas homossexuais que ainda não se assumiram como tal. Ainda de acordo com os autores, o “armário” consiste em um dispositivo de controle sustentado por inúmeras produções discursivas e enunciadas pelos religiosos, jurídicos, cientistas e outros campos que produzem “verdades” acerca do moralmente aceito, funcionando como um elemento importante para a manutenção da homofobia e de uma norma sexual fincada na heterossexualidade.

O ato de “sair do armário”, conforme Teixeira et al. (2012) apesar de ser algo comum na vida de homens cis gays não é uma decisão fácil, principalmente porque para se chegar a estas vias de fato, o sujeito irá negociar e se questionar inúmeras vezes sobre a escolha, pois, devido à cultura heteronormativa a qual é imposta desde o nascimento, “sair do armário” provoca inúmeras negociações tanto no campo individual quanto no social e político, podendo implicar sofrimento para o sujeito que se revela, visto que a hegemonia da heterossexualidade é dominante e definidora do reconhecimento e admiração social. No entanto, essas negociações já mencionadas, é tida como um privilégio da população cis, tendo em vista que pessoas que não se identificam com o seu sexo biológico não possuem recursos de se manterem ocultas no que concerne a sua sexualidade, não podendo transitar livremente sem que seja reconhecido como desviante, diferente dos homens cis gays (BRAGA et al., 2018).

Nos estudos Queer, assim como abordado por Miskolci (2014) o fenômeno do armário trata-se de um dispositivo construído pelo dualismo hétero/homo, da qual é circunscrita majoritariamente à vivência norte-americana das classes superiores brancas, mas, sobretudo, é apenas uma das formas de vinculação entre visibilidade e regime de verdade, entre o que uma sociedade identifica como verdadeiro dentro de um

enquadramento moral, onde “o que não é norma deve ser ocultado, uma vez que representa risco à ordem sexual vigente” (CARVALHO; MACEDO-JUNIOR, 2017, p. 109).

Esse dispositivo do dualismo, que enquadra as subjetividades a partir do moralmente aceito, citado anteriormente, é relacionado, segundo Silva e Barbosa (2016, p. 131) como um presídio, pois, para os autores, nesta prisão há “concepções que buscam doutrinar os corpos sexuados que devem apresentar características pré-moldadas” isto é, devem conter visibilidade de preceitos do masculino, uma vez que estas precisam ser naturalmente constatada pela sociedade nos vários moldes de expressão da masculinidade do homem, e caso isso não ocorra, acontece o julgamento severo da sociedade.

Contudo, dentro desse contexto de enquadramento moral já mencionado, assumir-se homossexual cobra seu preço, principalmente na possível relação conturbada com a família (MISKOLCI, 2014). No que tange as relações familiares, quando ocorre a revelação da sexualidade classificada como desviante, observa-se que a família geralmente não atua como uma rede de apoio que protege e promove saúde e dignidade de seus familiares, mas, ao contrário, expressa comportamentos e atitudes que reforçam a heteronormatividade, muitas vezes, inconscientemente, por se tratar de uma cultura cristalizada, acaba por passar despercebida pela sociedade, mas que é notada mediante as formas de violência, seja ela simbólica, material ou física, pautadas na inferiorização das experiências desviantes, colaborando para o desencadeamento de situações constrangedoras e dolorosas (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014).

Segundo Alves e Moniz (2015) a família constrói um imaginário à qual são projetados sonhos e expectativas para os filhos, onde, desde antes do nascimento, já são pensados em relacionamentos, casamento, família, filhos, etc. a partir da premissa existente de que todos são ou pelo menos deveriam ser heterossexuais. Entretanto, quando um integrante da família vai em desarmonia com esse imaginário construído, surgem diversos conflitos. A família então decide buscar as razões para o fato: “procura culpados, soluções em médicos, psicólogos e também nas religiões para retirar o filho ou filha de uma situação que para eles é vergonhosa” (p. 4). Ao notar que não irão conseguir encontrar a real “motivação” que levou o sujeito a “tornar-se gay”, a relação familiar passa a ser “atravessada por controle, vigilância, perseguição, invasão de privacidade, proibições, ameaças, chantagens e agressões” (TOLEDO; TEIXEIRA-FILHO, 2013, p. 384), em alguns casos, até a expulsão de casa.

Vale mencionar, que em muitos casos, os indivíduos são obrigados a se auto relevar, mas logo após a confirmação, são obrigados a se auto anular, onde são silenciadas todas as formas de expressões e performances que não condizem com os aspectos heterossexuais. Assim, vê-se que todo esse processo de “sair ou permanecer no armário”, diz respeito a um dispositivo regulatório da sexualidade, construído para reforçar os dispositivos de poder da sociedade. Confirma-se esse processo de “assumir-se” como um dispositivo regulatório, quando somente a população LGBT é obrigada a tal ato, tendo em vista que as pessoas heterossexuais não precisam “se assumir” como tal. Por isso, é possível relacionar essa prática de expor a orientação sexual das pessoas que vão em desacordo com a norma social como uma forma de sujeição ao poder, aonde irá contribuir na regulação da vida social e individual (BRAGA et al., 2018).

Um aspecto positivo relacionado a “saída do armário”, em conformidade com Rabelo e Nunes (2017) diz respeito a uma etapa importante para a autonomia do sujeito e sua participação social, contribuindo para o desenvolvimento de um sentimento positivo a respeito da própria homossexualidade, inclusive para enfrentamento do preconceito, pois, poderão expor sobre como é ser homossexual dentro de uma sociedade homofóbica, contribuindo e potencializando debates acerca da luta por direitos civis e combate à violência das mais variadas ordens, na tentativa de driblar o status de minoria invisível, além da sensação de honestidade consigo mesmo, por não precisar despende esforços para gerenciar uma identidade heterossexual falsa (COTTA; CABRAL-FILHO, 2015).

Contudo, esse lado positivo da “saída do armário” não é um privilégio de todos os gays, tendo em vista que uma parte desse grupo são mortos durante essa passagem e outros, devido ao contexto vivenciado não conseguem se desprender das amarras do armário, necessitando manter uma performance contrária de tudo aquilo que é considerado gay. Em alguns casos, muitos evitam entrar em contato com a realidade, buscando encarnar uma masculinidade insuspeita, e até em alguns casos, sujeitos homofóbicos, para tentar anular no outro o que mais incomoda em si mesmo, geralmente de forma inconsciente. É importante mencionar, que em muitos casos o “passar por” heterossexuais não é uma opção e sim uma estratégia de sobrevivência (MURASAKI; GALHEIGO, 2016); (MACHADO; GONÇALVES, 2018); (MISKOLCI, 2014).

Vale lembrar, que mesmo o sujeito “saindo do armário”, não quer dizer que ele não possa voltar novamente, não por escolha, mas pela presunção da heterossexualidade por parte da sociedade, que obrigam que todos as pessoas tenham desejos e performances heterossexuais, reforçando as normas impostas para que não haja a desarmonização do padrão moralmente aceito, que assegura privilégios para a população heterossexual. Conforme Rabelo e Nunes (2017) o sujeito em várias situações, precisará estar atento as pessoas e ao contexto a qual expõe sobre sua sexualidade, de forma a se resguardar de situações de violência. Assim, nota-se que a caminhada dos homens cis gays durante a vida se constrói por infundáveis “entra e sai dos armários”, sendo um processo violento que atinge, principalmente a saúde mental e a qualidade de vida (BRAGA et al., 2018).

Em referência aos impactos na saúde dos homens cis gays, Braga et al. (2018) relatam que a cada dia que passa, as violências sofridas por esse grupo têm repercussões negativas na saúde, ocasionando problemáticas na saúde física e mental. Para os autores, pessoas que sofrem violência por homofobia, estão mais propensas a riscos de suicídio, automutilação, aumento do uso de drogas e psicoativos, comportamento sexual de risco, homofobia internalizada, etc. Frente a esses impactos já mencionados, cabe expor que o apoio, tanto familiar quanto social, pode garantir mais segurança e proteção, que contribuem para amplificar a resistência e a minimizar os impactos da homofobia na saúde e bem-estar de homens cis gays ao tornarem pública sua sexualidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu a sistematização da produção científica sobre o processo de “sair do armário” de homens cis gays nos últimos dez anos, onde se delineou a partir de investigações da literatura brasileira, por se tratar de um fenômeno cultural que pode haver diferenciações dependendo da localidade a qual se pesquisa, possibilitando um acesso rápido aos resultados referente as publicações sobre esta temática, servindo como um possível subsídio para se pensar em práticas dentro do campo da Psicologia que contribuam para um acolhimento mais humanizado para com essa população que tanto sofre com as amarras dos dispositivos de poder.

Contatou-se durante as buscas e análises dos estudos uma escassa produção científica sobre a temática em questão. Foram identificados estudos que envolvem o tema a partir da população LGBT em sua totalidade e, em alguns casos, somente referente a “saída do armário” de lésbicas e gays, não focando unicamente aos homens cis gays. Verificou-se também que a produção do conhecimento acerca desta temática é atravessada por inúmeras formas de violências, seja de forma simbólica, material ou física, acarretando impactos negativos na saúde e bem-estar dessa população. Entretanto, todos os estudos apresentaram compromisso para com a desconstrução de estigmas e preconceitos, com a finalidade de ampliar os debates e minimizar os impactos da homofobia.

Diante das discussões realizadas no decorrer do trabalho, observou-se o quanto ainda está enraizado no imaginário social a cultura binária, excludente, violenta e homofóbica que reprime e vela as expressões das vivências homoeróticas. Cabendo ao campo da psicologia, tentar romper com esses comportamentos violentos da sociedade, fazendo cumprir seu código de ética, no qual relata que o profissional da psicologia ofertará seu trabalho objetivando a promoção de saúde e qualidade de vida dos sujeitos e das coletividades, somando forças na “eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005, p. 7).

Além do que já foi mencionado, aponta-se que é de suma importância elencar novas reflexões, abertas a compreender a complexidade desse fenômeno discutido neste estudo, cabendo novas discussões, principalmente no que tange a interseccionalidade, lançando luzes para produção de práticas que permitem dar vozes ao modo como os homossexuais dão sentido e significado às suas experiências de violência, fazendo com que a sociedade em geral repense seus comportamentos e propostas diante da seriedade da violência e os impactos causados por ela.

## REFERÊNCIAS

ALVES, E. A.; MONIZ, A. L. F. A família no processo de coming out: sair do armário. **J Bras Cien Saúde**, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2015.

- ANDRÊO, C. et al. Homofobia na construção das masculinidades hegemônicas: queerizando as hierarquias entre gêneros. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v. 16, n. 1, p. 46-67, 2016.
- BRAGA, I. F. et al. Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 1220-1227, 2018.
- BRAGA, I. F. et al. Violência familiar contra adolescentes e jovens homossexuais e os impactos na saúde: Revisão integrativa da literatura. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. v. 29, n. 1, p. 110-121, 2018. Disponível em: <[https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/48](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/48)>. Acesso em: 12 mar. 2020.
- BORRILLO, D. **Homofobia: histórica e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMPOS, I. B.; MELO, C. A. Sair ou não sair: a linha tênue entre ficar no armário e a liberdade. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**. v. 20, n. 2, p. 203-219, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/45825>>. Acesso em: 12 mar. 2020.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, 2005.
- CARVALHO, C. O.; MACEDO-JUNIOR, G. S. Isto é um lugar de respeito: A construção heteronormativa da cidade-armário através da invisibilidade e violência no cotidiano urbano. **Revista de Direito da Cidade**. v. 9, n. 1, p. 103-116, 2017.
- CARVALHO, C. O.; MACEDO-JUNIOR, G. S. ‘Ainda vão me matar numa rua’: direito à cidade, violência contra LGBTs e heterocisnormatividade na cidade armário. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**. v. 20, n. 2, p. 143-164, 2019. Disponível em: <<https://sisbib.emnuvens.com.br/direitosegarantias/article/view/1018>>. Acesso: 21 fev. 2020.
- COTTA, D.; CABRAL-FILHO, A. V. Parada do orgulho LGBT: uma estratégia de visibilidade cultural e midiática. **Revista Políticas Públicas & Cidades**. v. 3, n. 3, p. 62-41, 2015. Disponível em: <<https://rppc.emnuvens.com.br/RPPC/article/view/15>>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade, vol. 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GALVÃO, T. F.; PEREIRA, M. G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**. v. 23, n. 1, p. 183-184, 2014. Disponível em: <[http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-49742014000100018](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000100018)>. Acesso em: 23 mai. 2020.
- GRUPO, G. D. B. Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil – 2019, 2020. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>>. Acesso em: 05 mar. 2020.
- LANZ, L. Cisgênero. **Dicionário Transgênero**, v. 20, 2016. Disponível em: <<http://leticialanz.blogspot.com/2016/08/dicionario-transgenero.html>>. Acesso em: 15 mai. 2020.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MACHADO, R.; GONÇALVES, J. P. Homens casados que resolvem “sair do armário”: Conflitos vivenciados por homossexuais das classes sociais baixa, média e alta. **Caderno Espaço Feminino**. v. 31, n. 2, p. 176-201, 2018. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/38121>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

MADLENER, F.; DINIS, N. F. A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana. **Revista do Departamento de Psicologia. UFF**. v. 19, n. 1, p. 49-60, 2007. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-80232007000100004&script=sci\\_abstract&tlng=>](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-80232007000100004&script=sci_abstract&tlng=>)>. Acesso em: 19 abr. 2020.

MISKOLCI, R. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. n. 21, p. 150-182, 2009a. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222009000100008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222009000100008&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 11 abr. 2020.

MISKOLCI, R. O Armário Ampliado—Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Revista Gênero**. v. 9, n. 2, p. 171-190, 2009b. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30910>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

MISKOLCI, R. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**. v. 8, n. 11, 2014. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6543>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

MISKOLCI, R. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MURASAKI, A. K.; GALHEIGO, S. M. Juventude, homossexualidade e diversidade: um estudo sobre o processo de sair do armário usando mapas corporais. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional - Brazilian Journal of Occupational Therapy**. v. 24, n. 1, p. 53-68, 2016. Disponível em: <<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1264>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

OLIVEIRA, G. M. **Comecei a sonhar com homens: a "saída do armário" vivenciada por homossexuais masculinos em suas interações familiares**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2019.

PERUCCHI, J.; BRANDÃO, B. C.; VIEIRA, H. I. S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**. v. 19, n. 1, p. 67-76, 2014. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2014000100009&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2014000100009&script=sci_arttext)>. Acesso em: 22 abr. 2020.

RABELO, A. M.; NUNES, S. C. Sair ou ficar no armário? Eis a questão! Estudo sobre as razões e os efeitos do coming out no ambiente de trabalho. **Revista Economia & Gestão**. v. 17, n. 48, p. 82-97, 2017. Disponível em: <<http://seer.pucminas.br/index.php/economiaegestao/article/view/17167/0>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**. v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

RIOS, R. R. O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: F. POCAHY. **Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea**. p. 27-78, Porto Alegre: Nuances, 2007.

SANTOS, D. K. As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia. *Revista EPOS*, 4(1), 1-25, 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-700X2013000100007&lng=es&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2013000100007&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 07 abr. 2020.

SANTOS, D. K.; TEIXEIRA-FILHO, F. S. Cartografias do armário: estratégia do desejo em uma cidade do interior paulista. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, n. 11, p. 177-209, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6549>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos pagu**. n. 28, p. 19-54, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>. Acesso em 08 jun. 2020.

SILVA, P. C. B. **Narrativas de um gay sobre o processo de “sair do armário”**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Brasil, 2017.

SILVA, L. V.; BARBOSA, B. R. S. N. Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa. **Estudos de Religião**. v. 30, n. 3, p. 129-154, 2016. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/6309>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

SILVEIRA, G. A. Sob a ótica pós-colonial: a modernidade e a construção da homofobia. **Revista NAU Social**. v. 5, n. 8, p. 83-94, 2014. Disponível em: 23 abr. 2020.

TEIXEIRA, F. S. et al. Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 32, n. 1, p. 16-33, 2012. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932012000100003&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 08 mar. 2020.

TOLEDO, L. G.; TEIXEIRA-FILHO, F. S. Homofobia familiar: abrindo o armário entre quatro paredes. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. v. 65, n. 3, 376-391, 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672013000300005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000300005)>. Acesso em: 17 mar. 2020.

ZOLTOWSKI, A. P. C. et al. Qualidade metodológica das revisões sistemáticas em periódicos de psicologia brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 30, n. 1, p. 97-104, 2014. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722014000100012&script=sci\\_abstract&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722014000100012&script=sci_abstract&lng=pt)>. Acesso em: 12 jun. 2020.

---

### Contribuições dos autores

**João Henrique Oliveira Barros** - participou da análise teórica dos artigos selecionados e redação do manuscrito.

**Gilson Gomes Coelho** - participou da análise teórica dos artigos selecionados, supervisionou, orientou e participou da escrita do manuscrito.

---